

A família cristã na cultura pós-moderna e pós-cristã

JOSÉ DA SILVA LIMA*

A família¹ cristã subsiste, apesar da crise cultural em que vive.

Ela (a família) acontece como um paradoxo num mundo determinado comumente chamado de pós-moderno, em relação a uma modernidade primeira, que não esgotou, e pós-cristão, depois da debandada dos credos de confissões mais institucionalizadas. Ao dizer pós-moderno e pós-cristão o que se quer dizer? O que está por detrás das palavras? O que significa pós-moderno e pós-cristão como cultura? Como referimos o contexto atual onde a família subsiste?

Teremos para enfrentar o tema tão complexo que tentar definir, ainda que tenuemente, a «família cristã». Se dizemos que subsiste é porque ainda hoje a podemos encontrar. Quais são as suas especificidades num mundo tão diferente do primitivo ancestral que lhe deu origem e sobretudo depois de dois séculos de contínua permanência: o que se entende por família cristã? Quais as evoluções que no último século viveu?

Teremos que enfrentar o panorama atual na evolução de uma sociedade dinâmica, «society in progress» (I), para esboçar a figura/ideal de uma família cristã (II), situando-nos a seguir no enquadramento sociológico da pós-modernidade e perguntando-lhe se é possível ser cristã em era pós-cristã (III), para apontar responsabilidades da tal família no hoje de uma grande «família», recentemente

* Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Teologia-Braga.

¹ Aborda-se no sentido de «um conjunto formado por pai, mãe e filhos», *Nova Enciclopédia Larousse*, 10, Lisboa, Círculo de Leitores, 1997, 2912-2913.

repetido pelo papa². Em tudo o que se aponta está presente o dinamismo social em todas as suas vertentes, não se concebendo a família fora deste movimento dinâmico que é próprio de qualquer cultura, por mais hermética que pretenda ser, de uma forma especial hoje em era global. Assim a família cristã situa-se hoje de forma nova no movimento da cultura que é a de Portugal, no decurso das duas primeiras décadas do século XXI³.

Decidimo-nos por um diagnóstico hodierno, dinâmico e empreendedor.

1. Na trama da evolução recente

A realidade da família não acontece fora do mundo e, por isso, da sua evolução com avanços, recuos e cruzamentos. Ela participa do dinamismo próprio das sociedades que se moldam aos desafios constantes dos seus atores e instituições. Não vive num mundo etéreo, mas participa das dificuldades e das riquezas do palco social que é seu num determinado período histórico. A família é uma célula do grande tecido social sem sair dele e sem dele se constituir em juiz. É uma célula dinâmica e participativa, saindo moldada das suas vicissitudes. «A resposta tem de ser dada por cada um e tem de começar na família. A crise da família não ajuda a sobreviver à crise»⁴. Não se coloca fora da marcha histórica, mas suja-se na poeira da praça de todos os participantes. É um ator modelado pelos contextos em que vive, embora se assista «a uma utilização da cultura contemporânea para justificar a crueldade»⁵. Defende-se quer a família quer a «família cristã» «como rede social insubstituível»⁶.

² O sentido é outro: o de um grupo de seres que apresentam características comuns. *Ibidem*.

Com base numa expressão bem utilizada pelo Concílio Vaticano II, FRANCISCO, *O Mistério da Igreja*, Lisboa, Paulus, 2014, 45-47. O seu pensamento recorrente sobre a família pode verificar-se na obra J. M. BERGOGLIO, *La Famille*, Vaticano, Editora do Vaticano, 2014.

³ Não sendo possível fazer uma nítida distinção nas famílias hodiernas baseada em estatísticas sobre um único eixo tradição/modernidade, Cf. FR DE SINGLY, *Sociologie de la Famille Contemporaine*, Paris, Armand Colin, 2010, 27.

⁴ Mónica Leal da SILVA, *A Crise, a Família e a crise da Família*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012, 15.

⁵ *Ibidem*.

⁶ *Ibidem*, 17 e ADEES, *La famille. Un atout pour la Société*, Clermont-Ferrand, La source d'Or, 2013, 8. Cf. BENTO XVI, *Caritas in Veritate*, Lisboa, Paulus, 53 e ss.

1.1. As migrações

Em Portugal nos tempos que correm, são milhares as famílias que se forjaram ao sabor dos movimentos sociais depois da década de sessenta e que, apesar de com molde diferente, sobrevivem.

A trama incorpora o facto da emigração como deslocação de um lugar para outro, que é marcadamente histórico no País, mas que influencia o panorama de vida nas gerações presentes, mesmo insensivelmente. As gerações atuais vivem as consequências que a grande vaga migratória dos anos 60 (do século passado) legou: Foram vagas e vagas de habitantes que conheceram outros quadros e outros modos de vida, indo ao encontro de um viver mais plausível, dado que o País não respondia às necessidades de pão, de casa e de bem-estar. Procurar outros horizontes foi a aventura de muitos que se fixaram quer noutros países da Europa quer viajaram para a América do Norte ou do Sul, procurando melhores condições de sobrevivência.

É uma realidade cujos efeitos só mais tarde se mostram: em primeiro lugar justificaram os depósitos bancários nas décadas de 80 e 90, mas modificaram também o quadro habitacional, transformaram as aldeias, os lugares de partida, ou fizeram mendigar cidades para habitação futura⁷.

As gerações presentes disfrutam desse legado que afinal é em muitos casos um esvaziamento de aldeias em tempo de trabalho e uma superpopulação em tempo de ócio (de férias), o que destrutura o habitat e os costumes/ usos das povoações. Ao benefício económico passageiro sucederam-se grandes destruturações da paisagem populacional, da paisagem rural e local e da paisagem sobretudo simbólica. As migrações destruturam povoações e potenciam uma viragem de padrões quer no comportamento quer nos ideais de vida quotidiana. Muitos deram consigo a pensar diferente e a agir como antes nunca teriam feito. Romperam-se os esquemas da tradição e da vizinhança para se começar a pensar em formas de estar e de ser com os outros, impensáveis há décadas.

O fenómeno migratório é ainda mais premente como fator de evolução, se se pensar no surto de migração a partir da década de 80. O que fora movimento de partida torna-se agora movimento de chegada: gente com outros costumes e usos que cedo influenciam os autóctones sobretudo padronizados por um modelo que regista alguma tendência à fratura, socialmente. Estamos hoje a três décadas do que chamamos saída progressiva do modelo paroquial⁸ ditado pela instância de referência que fora a Igreja Católica. Hoje, este modelo tende visivelmente a enfraquecer e a decompor-se.

⁷ Cf. J. Silva LIMA, *Deus, não tenho nada contra*, Porto, UCP / Fundação António de Almeida, 1974, 177-192, 357-365.

⁸ *Ibidem*, 317-351. Revisite-se a proposta de EG 46-49.

O panorama social vai-se moldando a novos hábitos e a novos comportamentos que o fenómeno revela. Na sua estrita interdependência, esta atrela-se a outro fator que é determinante na sociedade portuguesa e que propriamente já revela uma migração de opiniões e de valores dominantes. O fenómeno exógeno é estruturante e todos os interventores apoiam silenciosamente a evolução que se vai efetuando e são sujeitos passivos dela.

1.2. Revolução dos Cravos

Outro fator fraturante é o que acontece por meados da década de setenta com a «revolução dos cravos». A mudança de regime político é o fim de um movimento social de descontentamento e de exílio, mas também é o começo de uma outra forma de estar, de olhar a realidade e de senti-la⁹. Trata-se de modelos de vida que se vão introduzindo no quadro social e que contribuem para uma mudança que os comportamentos novos e os valores em efervescência vão veiculando lentamente. As transformações não se fazem por decreto, mas acontecem no tecido social das gerações. Este fator é da liberdade embandeirada e da participação efetiva que se vai impondo. Isto termina por relegar outros valores e por fazer apologia de sentimentos que se vão introduzindo devagar.

A época revolucionária começa a patentear as suas conquistas na mentalidade social permissiva, facilitadora, materialista e profundamente individualista que gerou. Campeia o subjetivismo. O tecido das aldeias homogéneas foi desaparecendo e instalou-se um clima propenso à busca da cidade¹⁰ e à procura da escola¹¹ para alcançar um pensamento próprio, cada vez mais autónomo que outrora era transmitido pela instituição dominante.

A escola passou a ser um lugar de ensino plural e diversificado, dando acesso a todos, propondo uma ampla consciência crítica e defendendo opções mais conscientes, delimitando muito o poder apenas exercido de forma autoritária e abrindo completamente o pensamento bastante monocórdico das povoações¹².

⁹ Cf. *op. cit.* do autor, *Deus...*, 322-330.

¹⁰ Cf. *Ibidem*, 376 e ss.

¹¹ Cf. *ibidem*, 330-338.

¹² No final dos anos setenta do século passado, a TELESOLA ofereceu mais dois anos de estudos aos portugueses que saíam da «primária» (quatro primeiros anos de estudos). A Telescola terminou por 2004, e a escolaridade legal foi subindo para os doze anos. Hoje, a proporção da população com ensino superior completo é de 12,78 (H) e 17,16 (M), sendo superior a 15 em ambos os géneros: INE, 2011.

1.3. Adesão à Europa

Em meados dos anos 80 (1.1.1986) do século passado abriram-se outros horizontes reais com a inserção no mercado comum europeu, fazendo todo o país ser atravessado quer por grandes vias comerciais quer por grandes mercados.

Nas pequenas vilas limítrofes das aldeias o comércio foi mudando as ideias mais herméticas e a abundância disponível implantou-se em todo o lado. As grandes cadeias alimentares instalaram-se pelo país, fazendo ou criando o apetite ao consumo que cedo se transformou em consumismo. O mercado passou a ser o negócio das grandes superfícies e os hábitos de consumo foram evoluindo. As redes de transporte foram sendo implementadas por grandes donos do mercado que deixou de ser uma realidade de vizinhança e passou a ser o trunfo do grande capital. A economia sofreu um forte abalo e criou outras necessidades. A família deixou de se circunscrever aos mesmos hábitos das aldeias autossubsistentes e abriu o seu horizonte à Europa abundante em tudo. A atividade agrícola foi abandonada em benefício dos serviços que conhecem grande expansão. Neste cenário novo, as famílias transformam os seus usos e modificam-se na sua tradicional forma de relacionamento. Vai-se adquirindo um novo modo de ser que é o produto desta nova forma de estar muito ligada a movimentos comerciais e ao acesso a outra qualidade de vida. Os padrões tradicionais esquecem-se e passam a fazer parte de uma ética social que se remete para segundo plano. As regras até então consideradas intocáveis sofrem o desgaste de novas ideias que se infiltram. Os códigos da ética social entram em esquecimento ou passam a patamar remetido ao silêncio. «Tendo sido pioneiros da globalização pela descompartimentação planetária (...) fomos também agentes de um diálogo intercultural que nos permite povoar o espaço da memória com (...) memórias entrelaçadas do sagrado e do profano».¹³

1.4. A pílula

Uma evolução prodigiosa vai acontecendo a nível ético com a chegada da «pílula» que, desde meados do século XX, era comercializada nos USA. A Europa conhece, desde os anos 60 desse século, uma revolução silenciosa que tende a facilitar comportamentos e atitudes impensadas previamente. As famílias sofrem grande metamorfose nos métodos anticoncetivos que esta prática facilita.

¹³ V. Graça MOURA, *A Identidade Cultural Europeia*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2013, 37.

«Chegados a 2012, em Portugal já se tem menos filhos do que em qualquer país do mundo, exceto a Bósnia».¹⁴

A natalidade vai seguir um processo de monitorização sobretudo feminina que dá a muitas mulheres um real domínio da sua condição independentizando a fruição e o ato de maternidade, tornando possível um domínio mais ou menos cabal da sexualidade. As famílias podem agora contar com uma tutela extraordinária da procriação, separando-a da sexualidade pelo controle desta em todas as fases. A dita família cristã vai gerir de futuro este amplo dossiê.

1.5. Televisão privada

A vida social em Portugal começou a contar no último quartel do século XX com a diversidade de canais de programas televisivos e viu-se nos últimos decénios a braços com os milhares de canais via parabólica; a televisão pública assistiu ao advento de licenças privadas; a pluralidade de meios afirmou para todos um universo de livre expressão sem controlo de outras autoridades além da audiência e as famílias foram confrontadas no quotidiano por modos de viver nos antípodas de uma sociedade de regime monocórdico que conheciam. A alfabetização é muito mais lenta que a televisão, o que gerou mentalidades pragmáticas pouco convencidas, mas amplamente críticas e comprometidas. A escolha de programa passou a uma total desregulação sendo quase impossível uma educação em plano crítico das propostas mediáticas. A televisão constitui uma grande escola onde o professor é anónimo e o produto é apetecível. O divertimento recebeu insensivelmente o lugar de topo e os conhecimentos são lugares comuns que divertem toscamente. A sociedade ocidental europeia foi o palco passivo e consumista de todo o tipo de programas¹⁵. No domínio familiar, os modelos exógenos foram importados e outros estilos de vida e de convivência se foram gerando. A escola é de longe o lugar onde se aprende e as escolas da comunicação social multiplicam-se quase ao infinito com diversões fugazes. Neste movimento social de reviravolta, a família foi prosseguindo a sua aprendizagem muito híbrida. Os filhos possuem livros de aprendizagem e os respetivos professores, mas têm outros docentes nos diferentes programas que escolhem: a aprendizagem leve sucede muito mais sem custo acrescido. Isto sempre aliado a novo poder de compra (pelo menos ilusório, com distribuição galopante de cartões de Crédito).

¹⁴ M. Leal da SILVA, *A Crise...*, A 20. Cf. o que é escrito em A. OLIVEIRA, *Os filhos são uma bênção do Senhor*, Diocese de Viana, Gráfica Visão, 2014, 19.

¹⁵ Cf. E. Cintra TORRES, *A Multidão e a Televisão*, Lisboa, UCE, 2013.

1.6. Era do digital

Na viragem do milénio, esta revolução podia contar com a invenção do digital (assumindo exclusivamente valores binários), do mundo virtual, dos motores de busca instalados na nuvem virtual. O computador foi a acha crucial do mundo híper-modernizado. Todo o mundo distante está a um simples ato de premir um «rato». A terra da família é o mundo. Uma cidade tem de conjugar-se com as outras dos outros que virtualmente se contactam. As formas de vida dos outros estão em casa à distância de um clique. A sociedade é outra, especialmente na Europa desde 1993¹⁶.

A sociedade de hoje é propensa à formação de grémios ou coletividades que se costumam chamar associações. A informática facilita um enorme movimento de parcerias em redes sociais e provoca encontros fortuitos que são do hemisfério virtual, mas as pessoas gostam hoje de exprimir a sua socialidade em grupos mais ou menos estáveis que se dotam de objetivos específicos. A sociedade é paradoxal também pelo facto de se multiplicarem as associações em ambientes demasiado fechados e individuais.

Multiplicam-se hipóteses de vida coletiva sendo e estando individualmente dias inteiros à sombra solipsista de um computador. O fenómeno das redes sociais evidencia esta forma muito própria de fazer sociedade.

A sociedade projeta-se de uma forma marcadamente em rede. Tecem-se laços virtuais por todo o planeta e a cidade ou aldeia de cada um está cada vez mais individualizada: três universos jogam em cada instante, a informática, as telecomunicações e os meios de comunicação (*media*)¹⁷; o pai liga-se ao televisor, a avó lê o jornal, a mãe está «on line» e o neto dialoga na «tablette» no quarto com seu amigo. A identidade forja-se de uma forma irreal e cada um vive sozinho num mar imenso de redes de todo o tipo: social, geográfico, comunicacional, irreal. Tem apenas que ter o seu telemóvel ou «tablette» e está com todos, dependendo apenas do seu potencial para aceder a todas as redes. A sua «nuvem» produz-lhe o ambiente que espera e encontra tudo rapidamente.

A revolução da net foi e é colossal e apresenta a cada instante as suas virtualidades sempre mais potenciadas até a nova invenção. É nesta trama ambiental que se vive de forma despreocupada e consumista.

¹⁶ Cf. F. BALLE, *Médias et Sociétés*, Paris, Montchrestien, 1999, 30. Cf. quadro da página 179. O número de computadores conectados à Internet é de 52 828 em Portugal no ano 1998 (página 180). Porém, a televisão continua sendo «pão e circo, outra vez e sempre», *ibidem*, 189.

¹⁷ *Ibidem*, 181.

1.7. O género

Outro dado da civilização atual é relativo ao género: o feminino neste último meio século adquiriu aquilo que teve sempre, mas que lhe era negado: a mulher emancipou-se e no mercado do trabalho¹⁸ soube ocupar o seu lugar ao lado do homem; a escola abriu-se-lhe de par em par e a mulher¹⁹ soube posicionar-se ao lado do seu parceiro, chegando a ocupar altos lugares na esfera dos avanços científicos. Do ponto de vista familiar²⁰, os seres viram novas formas de vida e de convivência por meio da escola da comunicação social e em Portugal foram rápidas as mudanças ou alterações legislativas que disso fizeram eco. A taxa de natalidade é reveladora²¹.

Logo a seguir à entrada na Europa, o casamento entrou em período de mudança, primeiro com a legislação sobre o divórcio, seguida pela da possibilidade do aborto (2007), orquestrada com a legislação sobre casamentos «gay». Toda a legislação tende a alterar-se primeiro nas lógicas sociais, só depois se plasma na esfera jurídica a maior parte das vezes: os cânones jurídicos supõem grande parte de mentalidades alteradas (em meios democráticos). Os movimentos sociais dão conta de uma outra vivência da realidade familiar. Sucedem-se depressa as lógicas jurídicas. A família não ficou imune destas alterações, mas as socialidades passaram a ser outras. Isto revela o dinamismo de uma sociedade e a interdependência dos seus fenómenos. «As ideias sempre viajaram muito e de várias formas ao longo da História da Humanidade»²². A família recebeu muitas ideias vindas de outro lado e o país soube adaptar-se a esta viagem, posicionando-se no tempo e no espaço. As mulheres quiseram gratificar os filhos com o que a elas não tinha sido feito²³.

¹⁸ Assim é «terrivelmente difícil conciliar carreira e família»: M. Leal da SILVA, *A Crise...*, 22.

¹⁹ Há mais mulheres do que homens a concluir doutoramento: os doutoramentos conseguidos por mulheres passaram do total de 6,7% para 51,6 (...) em 2009»: *Ibidem*, 24.

²⁰ A Mulher alcançou um estatuto muito diferente e adiou para mais tarde a sua missão de maternidade, sendo solicitada de todos os lados. Cedo se viu suplantada pela nova imagem que criou.

²¹ Cf. L. ROUSSEL, *Une famille Incertaine*, Paris, Odile Jacob, 1989, mormente 156-163, e M. Leal da SILVA, *A Crise...*, onde se diz que «há cinquenta anos, a maternidade era uma fatalidade santificada. (...) Hoje é uma opção», 28.

²² V. Graça MOURA, *A Identidade Cultural Europeia*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2013, 89.

²³ Cf.. M. Leal da SILVA, *A Crise...*, 80-81.

Não se deve passar ao lado de um fenómeno que nos últimos 30-40 anos foi típico no país: o fenómeno da mitigação duma instância de alta referência²⁴, a que já se aludiu. A Igreja católica deixou de ser a única referência das populações, entrando no mercado das ideias e práticas religiosas. Deve, porém, referir-se que esta instância se foi moldando ao advento das outras vozes e soube salvaguardar-se e entrar no diálogo. Foi-se adaptando, sobretudo a partir dos anos 80. A voz que soa é ouvida com antenas atenta às outras que aparecem no espaço social. O panorama é diferente.

2. O modelo da família cristã

2.1. A família, recetáculo da vida

A sua identidade está plasmada no I Capítulo da Constituição *Gaudium et Spes* (GS 46-52), onde aparece como «comunidade de vida e no amor conjugal, fundada pelo Criador» (GS 48) para que não se pense colocar em discussão quaisquer das suas características. Assim, as formas sociais da família poderão ser circunstanciadas de um momento e a uma geografia. Podem discutir-se as suas amplas figuras histórico-espaciais, mas confessa-se sempre a sua fundação pela autoridade suprema, transcendente à própria história. As figuras sociais possuem as marcas do terreno, mas a sua raiz é constituída pelo beneplácito do Criador do universo.

São características fundantes de todas as formas que fazem a experiência concreta da vida e do amor que o Criador fundou. A família que cada ser tem na sua memória não é senão uma figura social e histórica do projeto que prossegue assinado por Deus. Neste campo poderemos teorizar o figurino principal que dará forma às figuras sócio históricas que cada homem ou mulher conhece.

Tudo radica na conjugalidade de homem e mulher onde circula o amor e donde advém a vida. No início do figurino está a própria criação que radica na transcendência de Deus. É necessário o ato criador da dignidade dos géneros para neles alicerçar a vida pela dádiva do Amor. Assim desta fonte de Deus, no amor conjugal, homem e mulher são cocriadores, fazendo uma «instituição também à face da sociedade, confirmada por lei divina» (GS 48). A sociedade, nas suas formas diversas, é devedora desta criação permanente que Deus instituiu com os cônjuges; embora a ciência tenha hoje muitos meios à sua disposição,

²⁴ Cf. revista *Didaskalia* XLII (2013), 359-360.

Veja-se o programa «A Fé dos Homens» (RTP 2) que proporcionalmente reflete as crenças à luz da lei da Liberdade Religiosa em Portugal (2001).

ninguém pode abdicar desta fonte de vida que se concretiza na dignidade de cada género, masculino e feminino. Este primeiro traço é imprescindível para que dele surjam todos os seres humanos no presente e no futuro. Nada e ninguém o substitui, embora ao avanços em matéria de fecundidade sejam uma responsabilidade no par de géneros que se compromete no ato de criação no plano de Deus. Neste aspeto o par humano pode dar origem a formas de grupos domésticos muito díspares, dependentes da cultura dada.

2.2. Unidade sacramental

No matrimónio cristão diz-se que Deus «abençoou copiosamente este amor de múltiplos aspetos» (GS 48). Trata-se na realidade de um contrato inicial entre um homem e uma mulher que supõe na tarefa da cooperação na criação de um ato livre e por isso constitui um contrato de «irrevogável consentimento pessoal» (GS 48). É frisada assim não só a unidade do contrato, a sua liberdade e a indissolubilidade deste contrato livre. São outras tantas notas do matrimónio cristão que se vive nas sociedades atuais sujeitas a vários estigmas. O valor de um grupo assim formado e assim voltado a viver é ideal nas sociedades, dados os elementos sociológicos do tempo e lugar. O par cristão prossegue a sua missão de mostrar a aliança divina que lhe preexiste e assim se espelha na fidelidade. À conjugalidade adiciona-se a sua unidade, a sua liberdade, a sua permanência (indissolubilidade) e a conseqüente missão procriadora que lhe revela a fecundidade do consentimento.

Este figurino foi sempre proposto pela Igreja e no nosso tempo proficuamente repetido, apesar de todos os obstáculos pelos quais passa.

«Esse amor, ratificado pelo processo de ambos e sancionado pelo sacramento de Cristo, é indissolúvel» (GS 49), excluindo toda a espécie de fugas sejam elas adúlteras sejam do foro da infidelidade permanente. O casal cristão, sendo unido, cumpre com perseverança os seus deveres (GS 49), e se a isso é sujeito leva ao sacrifício o amor na fidelidade até ao fim (GS 49). O matrimónio cristão está não só no âmbito da criação, mas sobretudo no de Cristo e da Igreja como nova criação de Deus, manifestando a aliança perene do Senhor ressuscitado com o seu povo.

A fecundidade revela no par humano a fidelidade ao Criador como frutuosa, isto não só na procriação humano de novos seres, mas na criação espiritual de muitos membros do novo Povo de Deus. A imagem refletida da nova aliança com Cristo torna o casal fonte cooperante com o advento da nova terra e novos céus que o Senhor promete. «Os filhos são o maior dom do matrimónio e contribuem muito para o bem dos próprios pais» (GS 50). Aqui a Igreja reflete sobre a missão dos próprios pais, como cooperantes de Deus (GS 50), fazendo a realidade desta missão uma responsabilidade (GS 50). Isto

nada retira aos obstáculos que se apresentam (GS 51), de uma forma especial o das culturas correspondentes (GS 51). Nunca assim o desenho original está feito desde que Cristo consumou a Sua entrega no mistério pascal. A família cristã, com as suas dificuldades reais, contínua a brotar permanentemente do lado aberto de Cristo, que em todas as situações prossegue na lógica da Sua entrega, a lógica da encarnação.

2.3. Reafirmações

Ao longo dos tempos a família tem sabido enfrentar as suas dificuldades. Tem levado a sua fidelidade até à Cruz e tem sabido entregar-se pelo bem do mundo. Ultimamente muitos documentos dos papas reafirmam esta mensagem.

Depois de no concílio se haver redito o que se acredita desde sempre, sendo a família uma escola de valorização humana (GS 51), vinte anos depois (1985), foi longamente refletido e explicitado no seguimento do Sínodo dos Bispos por S. João Paulo II na Exortação Apostólica que unifica o pensar e as condutas da Igreja, *Familiaris Consortio*, sobretudo na II parte do documento dedicando-a ao «desígnio de Deus sobre o matrimónio e a família» (FC 11-16). Nesta parte da Exortação, o papa recorda as características da família cristã, fundando-a no Amor e comunhão de Deus e outorgando-lhe a responsabilidade de constituir hoje «a Igreja recordação permanente do que aconteceu sobre a Cruz» (FC 13); a família, como fruto do matrimónio cristão, vive num só coração e numa só alma, exige a indissolubilidade, a fidelidade, e assim abre sobre a fecundidade (FC 13). Revisita a mensagem cristã sobre a família, integrando esta nas coordenadas de hoje (FC I parte), sendo imagem da Trindade e continuadora da missão de Cristo: «o matrimónio e a família cristã edificam a Igreja (...). A família humana ... é reconstituída na sua unidade (...). O mandato de crescer... atinge a sua plena verdade e realização integral, sendo nela que se realiza a inserção nas gerações humanas» (FC 15).

2.4. Resumo

Mais tarde (1994) procede o papa à atualização da mensagem na *Carta dirigida às Famílias*. Ela é chamada sempre a realizar a «civilização do Amor» (CF 6-17) numa sociedade que dá muitos sinais de morte. A aliança que a família manifesta torna-a «expressão primeira e fundamental da natureza social do homem» e «a mais pequena e primordial comunidade humana, comunhão de pessoas» (CF 7). Esta carta endereça às famílias um precioso resumo/condensado da teologia que nela está presente, não só a dimensão criacional e genealógica

da pessoa, mas também a sua força de aliança e de educação no mundo do fim do século. Aceite na sua «subjetividade pessoal» (CF 17), é um «alicerce estável» contra o naufrágio do amor (cf CF 14) na contemporaneidade, muito na linha do referido no CEC (*Catecismo da Igreja Católica*) de 1993, repetindo a família como «comunidade»/célula da vida social (CEC 2207) revelando e realizando a comunhão eclesial (CEC, 2204).

2.5. Atualidade

Já no século XXI (2013), em pleno 50º aniversário do Concílio, a encíclica conjunta assinada por Papa Francisco²⁵ (LF, 52-55) relembra a mensagem de séculos e reanima a família, bênção para o mundo na bênção de Abraão (LF 52).

A sessão extraordinário do Sínodo dos Bispos de 2014, dando a todos a tarefa de uma ampla reflexão concreta sobre a família de hoje, convida a não negligenciar a realidade, utilizando uma linguagem adequada para acolher com paternidade, misericórdia, conscientes do caminho longo que é preciso percorrer.

3. Em era pós-moderna e pós-cristã

3.1. Numa época pós-moderna

A novidade é permanente no sentir um espaço donde dimana a vida na liberdade. Não por imposição, mas nas circunstâncias que uma cultura obriga e, por vezes, irresistivelmente. A família está imersa nas culturas.

Viver como família cristã não é uma distração qualquer, mas acarreta trajetórias cheias de responsabilidade numa cultura determinada e não em terra de ninguém («no man's land»). Particularmente, a família vive em socialidades onde os deuses proliferam e disputam clientelas.

Num cristianismo renovado?

Deram-se alguns passos em reação a ele. Surgiram em resposta muitas subjetividades em recomposição e em busca de um panteão que dê sentido, que ajude a sair do anonimato.

Esta sociedade leva pelo nome de pós-moderna, tendo perdido o homem que tinha sonhado a emancipação absoluta. A subjetividade eclipsou-se. Pós-moderna é, depois do homem que desmoronou na modernidade. O homem

²⁵ FRANCISCO, *A Luz da Fé*, Lisboa, Paulus, 2013. Sigla identificadora LF.

pensou num domínio sem igual e fragmentou-se num adro povoado de novos deuses.

Nas cinzas do homem decomposto, perdido, vai aparecer um outro recomposto, mas à deriva. O moderno, pelas grandes invenções, depois de tudo parecer vencer, num progresso sem entraves, progrediu no mortal.

O homem moderno morreu. Renasce pós-moderno.

3.2. A família em era pós-cristã

Hoje, a família cristã é uma hipótese?

Talvez e muito plausível, já que em sucessivas metamorfoses não se lhe dedicou o «centro» que havia perdido. Cristo depois de Cristo?

Um centro para construir algo de novo que renasça em homem novo. Pleno de relações e mistério de comunhão no Amor. O pós-cristão é o regresso ou ressuscitação do anteriormente confuso e repleto de nuvens. Depois da morte que fora vencida e que, por momentos, fora arrumada. O homem não é sem alguém que lhe está na origem e também no fim.

Biografias nesta era nova que foi oferecida.

A realidade vai-se transformando.

O homem precisava desta prova.

A família preexistia ao cristianismo, embora no tempo de Cristo tenha sido elevada à sua dignidade máxima, como sacramento de Deus no seio do mundo. A realidade passou por vários contratempos, mas soube aguentar-se como célula de vida em todas as sociedades. Cristã é apenas no tempo em que Jesus (Cristo) faz a sua experiência humana com Maria e José. Aqui a humanidade tem o modelo máximo da família cristã: A família de Nazaré.

A partir do ano 30 da nossa era, com o cume da revelação no mistério pascal de Cristo, a família recebe a força do seu Espírito, da Sua experiência, do modelo que viveu no meio da humanidade. É pós-cristã desde esse instante, no fundamento. As sociedades se reclamarão deste modelo histórico ao longo de quase 2000 anos.

Hoje as figuras biográficas da família são ditas de pós-cristãs com outro significado. No ambiente cultural da segunda década do século XXI, no ocidente europeu, a era pós-cristã tende a conotar-se como uma era civilizacional em que a cultura viveu uma enorme cristianização e que assistiu em poucas décadas de miragem a um abandono da tutela das instituições cristãs. O império cristão desenvolveu-se enormemente até ao ponto da morte de Deus e agora da morte do homem. Recorda este que se emanciparia, que assistiria impotente à sua própria queda, depois de ter pensado que o progresso era sua arma de consumo. Sentiu-se traído pela sua própria descoberta e viu surgir uma cena repleta de deuses que ele próprio fizera. O sistema cristão não vingou na sua

esfera; viram-se auroras de cristianismo no âmbito da missão, pensando-se a Europa como continente sem rumo e perdido: Também nela se assistiu ao «regresso de deuses».

É nesse sentido novo que agora se pensa: haverá alguma possibilidade para um cristianismo mais além do drama humano da queda, ruína da subjetividade e do tempo após o sistema cristão hegemónico?

Pensa-se que a possibilidade se vislumbra fora do quadro do «cristianismo/empório»²⁶.

Nos diferentes continentes, em particular em África, Ásia e América, cresce esta hipótese. Na Europa, o cristianismo renova-se, mas encontra-se à deriva, buscando substitutos que não encontra. O cristianismo, depois da fase do «cristianismo/empório», pode ser uma possibilidade de encontro do homem consigo mesmo, já que o genuíno cristianismo precisa do homem em aliança indestrutível com Deus.

É neste estado de coisas que nos situamos ao analisar os cenários/biografias da família atual, na era pós-cristã, depois da desmitificação e secularização das instituições que dele eram a garantia social. Há uma certa deceção da conceção otimista sobre o desencanto do mundo²⁷: não surgiu o patamar do monoteísmo como se esperaria. Os homens executam novos itinerários.

Não se trata de regressos, nem muito menos de retomadas ou reconquistas, mas sobretudo de um encontro novo com Deus noutra panorama, mergulhada no porvir social que é de sempre.

A família cristã (desde Cristo) nunca deixou de existir, mas subsiste como grande «resto» que o tempo fará vingar em muitas geografias humanas. Será como um fermento (Mt 13, 33) que persiste e se mistura no tecido social, que a seu tempo fermenta. A figura não se propagará por incúria, por inércia, mas será moldada ao ritmo da cultura dos homens, em biografias bem díspares.

Poder-se-á perguntar se «terá desaparecido a ânsia de transcendência e de absoluto?» Ela talvez se tenha deslocado para uma «divinização» daquilo que é humano, individual e subjetivo²⁸. A família não se desfez por inteiro, no vendaval dos parceiros sociais, dos três «princípios da educação» que recebeu do legado ciceroniano, a saber, da gravidade (responsabilidade), da piedade (ligação com o além) e da simplicidade (autenticidade) que a rotina do binário lhe impõe²⁹. Assim subsiste.

²⁶ A expressão condensa a fase do cristianismo institucionalizado em desaire, império de crenças, cada vez mais relativizado e secularizado, sujeito ao desgaste de mercado.

²⁷ Cf. H.-J. GAGEY, « Une crise sans précédent », ICP (revista do Instituto Católico de Paris) nº1, 2014, 22.

²⁸ Cf. V. Graça MOURA, *A Identidade...*, 59.

²⁹ Sobre este legado Cf. *ibidem*, 58.